

## LÚCIA

(Alf. de Musset – 1860)

Nós estávamos sós; era de noite;  
Ela curvara a fronte, e a mão formosa,  
    Na embriaguez da cisma,  
Tênuê deixava errar sobre o teclado;  
Era um murmúrio; parecia a nota  
De aura longínqua a resvalar nas balsas  
E temendo acordar a ave no bosque;  
Em torno respiravam as boninas  
Das noites belas as volúpias mornas;  
Do parque os castanheiros e os carvalhos  
Brando embalavam orvalhados ramos;  
Ouvíamos a noite; entrefechada,  
    A rasgada janela  
Deixava entrar da primavera os bálsamos;  
A várzea estava erma e o vento mudo;  
Na embriaguez da cisma a sós estávamos,  
    E tínhamos quinze anos!

Lúcia era loura e pálida;  
Nunca o mais puro azul de um céu profundo  
Em olhos mais suaves refletiu-se.  
Eu me perdia na beleza dela,  
E aquele amor com que eu a amava – e tanto! –  
Era assim de um irmão o afeto casto,  
Tanto pudor nessa criatura havia!

Nem um som despertava em nossos lábios;  
Ela deixou as suas mãos nas minhas;  
Tíbia sombra dormia-lhe na fronte,  
E a cada movimento – na minh'alma  
Eu sentia, meu Deus, como fascinam →

Os dous signos de paz e de ventura:  
    Mocidade da fronte  
    E primavera d'alma.  
A lua levantada em céu sem nuvens  
Com uma onda de luz veio inundá-la;  
Ela viu sua imagem nos meus olhos,  
Um riso de anjo desfolhou nos lábios  
    E murmurou um canto.

.....  
Filha da dor, ó lânguida harmonia!  
Língua que o gênio para amor criara –  
E que, herdada do céu, nos deu a Itália!  
Língua do coração – onde alva ideia,  
– Virgem medrosa da mais leve sombra, –  
Passa envolta num véu e oculta aos olhos!  
Que ouvirá, que dirá nos teus suspiros  
Nascidos do ar, que ele respira – o infante?  
Vê-se um olhar, uma lágrima na face,  
O resto é um mistério ignoto às turbas,  
Como o do mar, da noite e das florestas!

Estávamos a sós e pensativos.  
Eu contemplava-a. Da canção saudosa  
Como que em nós estremecia um eco.  
Ela curvou a lânguida cabeça...  
Pobre criança! – no teu seio acaso  
Desdêmona gemia? Tu choravas,  
E em tua boca consentias triste  
Que eu depusesse estremecido beijo;  
Guardou-o a tua dor ciosa e muda:  
Assim, beijei-te descorada e fria,  
Assim, depois tu resvalaste à campa;  
Foi, como a vida, tua morte um riso,  
E a Deus voltaste no calor do berço.

Doces mistérios do singelo teto  
    Onde a inocência habita;  
Cantos, sonhos d'amor, gozos de infante,  
E tu, fascinação doce e invencível,  
Que à porta já de Margarida, – o Fausto  
    Fez hesitar ainda, →

Candura santa dos primeiros anos,  
Onde parais agora?  
Paz à tua alma, pálida menina!  
Ermo de vida, o piano em que tocavas  
Já não acordará sob os teus dedos!

MACHADO DE ASSIS

[*Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 27-30.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.